

RUY CASTRO

Trêfego e peralta

50 textos deliciosamente incorretos

Seleção e organização

Heloisa Seixas



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Ruy Castro

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Hélio de Almeida

Foto de capa

Arnaldo Klajn/ Jardim de Luxemburgo, 1981

Preparação

Silvia Massimini Felix

Índice onomástico

Luciano Marchiori

Revisão

Isabel Cury

Fernando Nuno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Castro, Ruy

Trêfego e peralta : 50 textos deliciosamente incorretos / Ruy Castro ; seleção e organização Heloisa Seixas. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-3007-8

1. Artigos – Coletâneas 2. Escritores brasileiros – Coletâneas
3. Jornalistas brasileiros 4. Literatura brasileira I. Seixas, Heloisa.
II. Título.

17-08009

CDD-869.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Artigos : Coletâneas : Literatura brasileira 869.9

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

<i>Um quaquilhão de teclas</i> — Heloisa Seixas	9
---	---

1. JOGANDO COM AS PALAVRAS

Sai o português, entra o clichês [1999]	15
A arte de cultivar abobrinhas [1984]	18
Amarelo, meu amor [1984]	21
O dia em que a cultura bebeu água [1984]	23
Prazer, meu nome é Jennifer [2007]	26
O jogo da trívia [2001]	30

2. PEQUENOS HOMENS PÚBLICOS

O Estado balofo e pimpão [1993]	39
O homem da aura em technicolor [inédito]	42
Os bigodes no poder [1985]	48
Sarney em Moscou [1988]	50
O nosso homem em Havana [1994]	53
Resoluções para o Ano-Novo [1994]	56

Os anos 50 em compota cubana [1993]	59
Os melhores amigos do homem [1993]	62

3. COM TODO O RESPEITO

Não suportamos olhá-la, tocá-la, cheirá-la [2001]	69
O cigarro [1992]	73
É isso aí, bichos [1984]	75
Homens (e mulheres) com H [1983]	78
A deusa ao alcance do sonho [2008]	82

4. LÍNGUAS SOLTAS

Ibrahim Sued [1981]	85
Millôr Fernandes [1983]	110
Elsimar Coutinho [1982]	136

5. DESCONSTRUINDO HERÓIS

Gay Talese nunca se resfria [2015]	169
Lillian Hellman para forno e fogão [1987]	176
Nova York, anos 50 [1993]	181
Amores de apache da Nouvelle Vague [2006]	185
O que eles dizem uns dos outros (e de si mesmos) [1987]	192

6. ILIBANDO VILÕES

O preço da dignidade [2000]	197
Cleópatra é que era mulher de verdade [2001]	201
Britânicos ao sol do meio-dia [2006]	209
Compaixão por Drácula e Frankenstein [2013]	214
O mocinho usa chapéu branco [2014]	220

7. UM ELENCO DE IMPROVÁVEIS

Jânio ergueu um olho [1983]	229
Qual Xuxa? [1984]	235
“Rá!”, gritam Baby e Pepeu [1984]	237
Cuidado, Moreira! [1985]	240
Donald Raskólnikov [1984]	243
Com vocês, Zé Carioca [2015]	246
Eu, Chita [2010]	254

8. ECOS DE 1968

Viver no Solar [2015]	265
Verão de 1968 [2007]	276
Dez anos de tropicalismo [1977]	280
Oh, não, 1968 está de volta — de novo! [1996]	286

9. O AUTOR PELO AVERSO

O dia em que eu vi uma vaca [2006]	293
Colega de turma [2009]	295
Querida máquina de escrever [2010]	298
A alta cultura engoliu a baixa cultura [2011]	304
O melhor Carnaval da sua vida [2014]	309
Rapaz de sorte [2015]	312
Ao telefone com João Gilberto [2011]	318
<i>Índice onomástico</i>	327

Um quaquilhão de teclas

Heloisa Seixas

Ruy Castro completa, em 2017, cinquenta anos de vida profissional entre as palavras, em jornais e livros. Sua estreia como jornalista, com matéria assinada na grande imprensa, foi em maio de 1967, no jornal *Correio da Manhã*, do Rio: um texto sobre os trinta anos da morte de Noel Rosa.

Surgiu, então, a ideia de reunir em livro artigos que dessem um panorama, um voo rasante, da produção de Ruy ao longo desse período. E, se falo em voo rasante, é porque todo mergulho na produção de Ruy será incompleto — poucas pessoas, em qualquer tempo ou lugar, castigaram tanto os teclados das máquinas de escrever (mecânicas, elétricas) e dos computadores ao longo da vida. Tentar calcular isso em teclas batidas seria o mesmo que contar os quaquilhões do Tio Patinhas naquela piscina em que ele mergulha.

Sendo assim, a seleção foi árdua. Numa estante que toma uma parede inteira, fileiras e fileiras de pastas se sucedem, catalogadas pelo ano em que as matérias foram produzidas. O crité-

rio de seleção foi a importância, a permanência e a qualidade dos textos.

Seja no *Pasquim*, para o qual escreveu desde os primeiros números em 1969, seja na *Florense*, revista sobre design e variedades, para a qual colabora há anos, Ruy é o mesmo. Sempre nos oferece uma quantidade impressionante de informações, num texto de estrutura impecável, cheio de charme e humor. Jeito de escrever que exercitou nos jornais e revistas pelos quais passou — *Manchete*, *Seleções*, *Jornal do Brasil*, *IstoÉ*, *Playboy*, *Status*, *Folha de S. Paulo*, *Veja*, *O Estado de S. Paulo* e mais dezenas de outros como colaborador —, às vezes tendo de escrever às pressas, na redação, contra o relógio. Quando lemos Ruy, escrever parece fácil — mas só parece. Ele sabe como é difícil parecer fácil.

A divisão em blocos temáticos tenta abranger os muitos universos de que Ruy tem tratado. Ele próprio reviu os textos e fez cortes e acréscimos, mas sem amenizar o tom de ironia e malícia que os caracteriza — nada de “corrigi-los” para os padrões atuais.

O “trêfego e peralta” do título — definição que certa vez ouviu de um amigo a seu respeito — foi escolhido por ele, que admite nunca ter sido dos jornalistas mais politicamente corretos que conheceu. Ruy fala de cigarros (a favor — ele, que deixaria de fumar em 2005), homossexualidade, mulheres-objeto, drogas e até de cocô, tudo isso com todo — ou nenhum — respeito. O atenuante é que, na época da maioria dos textos que o leitor encontra neste livro, a questão do politicamente correto não se colocava. A expressão nem existia.

Ao falar de política, Ruy também não poupa ninguém. Dispara à esquerda e à direita, e seu compromisso parece ser apenas o de informar o leitor. Mas informar divertindo (ou provocando). Em certos textos, alguns publicados nos anos 80 e 90, seu ceticismo em relação aos nossos políticos soa premonitório. A

seleção inclui ainda artigos sobre a geração de 1968, à qual Ruy pertenceu — e, nesses casos, há análises de uma lucidez que chega a doer.

O livro traz também três entrevistas publicadas originalmente nas revistas *Playboy* e *Status*, em que Ruy teve longa participação: com o colunista social Ibrahim Sued, o cartunista e pensador Millôr Fernandes e o médico Elsimar Coutinho, especialista em... você vai descobrir. Entrevistas são, às vezes, um jogo de gato e rato, com o entrevistado tentando escapar das perguntas e o entrevistador perseguindo-o em busca das respostas. Nesse departamento, Ruy dá uma aula de jornalismo. E é também como um repórter por excelência que, em seus tempos de jornal, ele encarou personagens improváveis, como Jânio Quadros, Xuxa ou Bezerra da Silva, e os transformou em leitura deliciosa.

No mais, ilibando vilões ou desconstruindo heróis, Ruy está sempre tentando demonstrar que certas verdades estabelecidas são mera ficção. Em cinco décadas como jornalista, ele sempre lutou contra os lugares-comuns, as obviedades, os modismos. Fez isso com franqueza, dizendo o que pensa sem rodeios, mas também com uma ponta de picardia. E, claro, fazendo uso daquela que é sua principal característica: passar para o leitor o prazer que sente ao escrever.

Está, portanto, apresentado *Trêfego e peralta: 50 textos deliciosamente incorretos*. Só espero, nestas linhas, não ter cometido nenhum clichê — o único pecado que Ruy Castro não consegue perdoar.

1. JOGANDO COM AS PALAVRAS

SAI O PORTUGUÊS, ENTRA O CLICHÊS

Um clichê é uma palavra ou expressão que nos vem à boca sem passar pela cabeça

[O Estado de S. Paulo, 23/1/1999]

O mercado ficou *nervoso*. A Bolsa de Valores *despencou*. As reservas *encolheram*. O dólar *disparou*. As reservas se *volatizaram*. As empresas *amargaram* prejuízos. O ministro tenta *apagar o incêndio*. Os analistas *questionam* o sistema. O governo *descarta* a possibilidade de crise. Urge *diversificar* os investimentos. A economia está *estruturada*. Os estados precisam *enxugar* os gastos.

Como costumava perguntar o professor Higgins (o linguista criado por Bernard Shaw na peça *Pigmalião*, digo *My fair lady*) ao seu amigo, o coronel Pickering: “Diga-me, Pickering, que raio de língua é esta?”. O veterano e dedicado Pickering talvez respondesse: “Chama-se *economês*, Higgins, e foi inventado no Brasil pelos economistas. Parece que é um novo dialeto do português. É falado pelos comentaristas econômicos de televisão e, ultimamente, até pelo povo brasileiro, embora seja compreensível apenas para quem é pago para entendê-lo”.

Pickering foi profundo, mas, se dissesse isso, estaria induzindo Higgins a erro — porque esse não é o legítimo *economês*. *Economês* é quando o Banco Central diz, como numa esclarecedora nota oficial outro dia, que “a atual política de intervenções intrabanda será *descontinuada*”. Imagino que *descontinuada* (do inglês *discontinued*) queira dizer, em português arcaico, interrompida. Mas o que serão “intervenções intrabanda”? Ou quando um ministro, referindo-se a dívidas não declaradas, anunciou outro dia que o governo empreenderia uma “caça aos passivos ocultos” — com o que criou um pânico entre os gays enrustidos.

As frases tão familiares citadas no começo deste artigo são apenas o economês vulgar, traduzido em clichês. Um clichê, como se sabe, é uma expressão ou frase feita que nos vem à boca ou aos dedos sem precisar passar pela cabeça. É um bloco de palavras que andam juntas e já nasce pronto para ser falado ou escrito — motivo pelo qual é logo adotado pelo povo, que não tem muito tempo para pensar. Como tudo que é dito ou escrito sem ser pensado, os clichês perdem rapidamente qualquer vestígio de significado e, quanto mais ociosos se tornam, mais são usados.

Que o povo os adote, é normal. O que me intriga é o fato de os comentaristas econômicos de televisão os usarem até hoje. Eles continuam a dizer que o mercado *ficou nervoso* ou que a Bolsa *despencou*. E, talvez pela gravidade do assunto, cometem a proeza de dizer isso sem um toque de ironia. Na verdade, dão a essas frases uma ênfase de bronze, como se tivessem acabado de inventá-las.

Quem despenca é uva, quem amarga é fel e quem descarta é jogador de burro em pé. Diz o governo que é preciso *reabilitar* os ativos. Mas quem reabilita ativo é a ABBR. Os significados originais e primários das palavras vão perdendo o valor diante dos novos contextos em que os tais verbos passam a ser massacrantemente repetidos.

Seria mais fácil dizer que a Bolsa caiu ou o dólar subiu (verbos simples e diretos, perfeitos para a situação), mas uma irreprimível jequice verbal nos leva a querer complicar. A língua não ganha com isso, só perde — porque, com o abuso, chega o dia em que o próprio clichê acaba sendo abandonado e as palavras que ele invadiu deixam de ser usadas até na sua conotação original. “Válido” e “inserido no contexto”, por exemplo, eram boas expressões que se transformaram em clichês nos anos 60. De tanto serem gozadas por nós, no antigo *Pasquim*, foram evaporadas da língua.

Os mais atentos a esses joanetes linguísticos sempre souberam que certos clichês só servem mesmo para fazer piada: “O apresentador Fulano, enquanto ícone da cultura off-USP, é emblemático do estilo de televisão produzido em São Paulo”. Ou “A nível de mulher, descobriu-se na praia que a irretocável Beltrana tem estrias e celulite”. Até algum tempo, as pessoas ainda julgavam estar falando a sério quando usavam palavras como “enquanto”, “ícone”, “emblemático”, “irretocável” ou “a nível de”. Hoje, será possível usá-las sem ser para fins humorísticos?

Talvez sim — porque os jornalistas ainda não acordaram nem para o fato de que o verbo “resgatar” está implorando por uma aposentadoria. O que se continua *resgatando* de filmes, livros e discos nos segundos cadernos é uma grandeza. Mas o esvaziamento semântico de *resgatar* é tão absoluto que, de uns tempos para cá, nem os sequestradores querem saber mais disso — sequestram um infeliz e somem com ele de uma vez, sem pedir resgate. E a última moda (passada a febre de “Fulano *relê* o filme ou peça do Beltrano”) é “um *novo olhar* sobre isso-assim-assado”. Os franceses já brincavam disso em 1968: “Godard lança *un nouveau regard* sobre o cinema” — e nós, por aqui, também.

Tenho sentido falta, nos últimos tempos, do “leque de opções” e do “apostar todas as fichas”. São clichês que, depois de anos de uso exaustivo na imprensa e na fala diária, parecem ter sido, até que enfim, *descontinuados*. Pelo visto, as pessoas se cansaram e descobriram que os leques, mesmo os de opções, são apenas para se abanar em dia de calor. Quanto às fichas, devem ter apostado todas e perdido, o que também já não era sem tempo.

Mas o clichê mais *imbatível* (aliás, “imbatível” também é clichê) continua sendo a notícia de que “Fulaninho *entrou em estúdio* para gravar seu novo disco”. Bolas, onde queriam que ele gravasse o disco? Na rua, no outro lado da calçada? É verdade que há uma tibia justificativa para essa mania de dizer que o fulano *en-*

trou em estúdio. Um simples disco, hoje, leva meses para ser gravado — e um dos motivos é o de que nossos compositores-cantores passam o ano inteiro fazendo shows e não têm tempo para compor. Mas, por obrigação contratual, são obrigados a gravar um disco por ano, e para sair no mês xis. Com isso, *entram em estúdio* de mãos abanando, às vezes sem uma única canção, e deixam para compor tudo de uma vez, durante a gravação do próprio disco. Isso pode explicar por que os últimos discos dos nossos grandes nomes não têm tantas coisas memoráveis quanto os seus discos mais antigos, do tempo em que eles só *entravam em estúdio* depois de fazer a — outro clichê — *lição de casa*.

Nada mais triste e antigo do que um clichê usado, abusado e abandonado. Lembra certas coisas queridas que um dia estiveram em grande evidência, até que foram deixando de estar e hoje só são lembradas durante surtos de nostalgia. Como o estrogonofe, o coquetel de camarão, a samambaia-chorona, o perfume Pinho Silvestre, o vestido saco, as camisas Ban-Lon, a garçonnière, o concretismo e o bambolê.

A ARTE DE CULTIVAR ABOBRINHAS

A sociologia, a filosofia e a linguística são as ciências em que elas mais dão frutos

[Folha de S.Paulo, 16/11/1984]

“Abobrinhas”, segundo o *Aurélio*, são os frutos verdes da aboboreira. Só que, na São Paulo de 1984, elas são isso e mais alguma coisa — muita coisa. Abobrinhas são qualquer conversa jogada fora, falar ou escrever sem dizer nada e dar voltas no escuro ao redor do oco para não se chegar a lugar nenhum. Mas é

engano pensar que abobrinhas sejam privilégio de gente desinformada, sem assunto ou simplesmente chata. Pode acontecer também — e acontece muito — nos melhores arraiais da alta cultura. Basta folhear suplementos literários, papers acadêmicos, dissertações de mestrado e teses de pós-doc. Vivemos sob a égide da abóbora, enriquecida por muitas abobrinhas de pé de página.

Alguns analistas mais rigorosos chegam ao extremo de afirmar que a maior parte da produção literária, poética, filosófica, cinematográfica e musical dos últimos 150 anos não passa de uma vastíssima abobrinha. Essa opinião também é considerada uma abobrinha, principalmente pelos que a identificam como uma resistência conservadora às abobrinhas menos imediatamente “decodificáveis”. É claro que esse debate é, em si, uma abobrinha. Tudo isso prova apenas a inescapável onipresença da abobrinha na cultura contemporânea.

Para alguns, por exemplo, a obra-prima de Guimarães Rosa deveria se chamar *Grande sertão: abóboras*. Eu não acho. Mas alguém poderia adaptar Oswald de Andrade, o autor de *Abobrinhas sentimentais de João Miramar*, transformando sua famosa frase em “a massa ainda comerá da abobrinha fina que fabrico”. Há quem sustente que os primeiros capítulos de *Abóboras póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, estão cheios da dita. E os mais argutos identificam também abobrices no poema *Morte e vida abobrinha*, de João Cabral de Melo Neto. Mas, pelos mesmos critérios, *Meu pé de abóbora-lima*, de José Mauro de Vasconcelos, seria um título mais condizente.

Os cineastas, sempre à procura de ideias, poderiam assumir de vez a abobrice e partir para filmes com cenas de abobrinha explícita. Inspirados no velho Alfred Hitchcock, poderiam nos brindar com remakes de alguns de seus clássicos, transformando-os em pérolas de suspense e humor, como *Uma abobrinha que cai*, *A abobrinha indiscreta* e *A abobrinha que sabia demais*. E um

dos nossos cineastas “marginais” poderia tornar seus delírios mais simpáticos, produzindo algo como *Comeu a abobrinha e foi ao cinema* — embora nada supere o alto índice aboboral de 2001: *Uma abobrinha no espaço*, de Stanley Kubrick, e *Abobrinha, meu amor*, de Alain Resnais. Bem que Steven Spielberg tentou, com *Abóboras imediatas do terceiro grau*, mas sua inexperiência o impediu de produzir uma abóbora-prima.

Se o abobrismo é a doença infantil da abobrinha, o melhor exemplo poderia ser o *18 Abobrário*, de Marx, mas não faltam casos na sociologia, na filosofia e na linguística. Na realidade, são os terrenos onde elas vicejam e dão mais frutos — sem trocadilho. Da *Crítica da abobrinha pura*, de Kant, à *Crítica da abobrinha dialética*, passando por *A abobrinha e o nada*, de Sartre, e *Abobrinha e consciência de classe*, de Lukács, a abobrinha pode ser a pedra de toque de abóboras monumentais.

Os amantes de Walter Benjamin, que não sai da cabeça de nove entre dez abobrófilos, poderiam seguir a trilha do mestre e perpetrar *Origem da abobrinha barroca alemã* ou *A abobrinha na era da sua reproduzibilidade técnica*. Os fãs de Roland Barthes, em compensação, têm visto diminuir a influência de seus clássicos *O grau zero da abobrinha* e *Fragmentos de uma abobrinha amorosa*. Ao mesmo tempo, sobe a cotação de Michel Foucault, principalmente com *Microfísica da abobrinha*.

Desde que Gertrude Stein escreveu que “uma abobrinha é uma abobrinha”, os poetas descobriram um rico filão, cuja pepita mais preciosa saiu em 1958: o *Plano-piloto da abobrinha concreta*. Ele antecipava diversos achados desenvolvidos mais tarde por Umberto Eco em *Abóbora aberta*. Sem isso, não teria sido possível a Haroldo de Campos publicar o seu recente *Abobráxias*. Ou o novo romance de Paulo Leminski, *Abóbora é que são elas*, o qual traz inclusive uma abobrinha na capa. Mas, como qualquer criança sabe, nada supera em aboborismo as interpretações e análises a respeito de qualquer uma dessas abobrices.

A presença da abobrinha no pensamento moderno tinha de chegar à política, cultivada pioneiramente entre nós pelo outrora festejado e hoje reduzido às suas devidas dimensões *Geoabobrinha do Brasil*, do geogeneral Golbery do Couto e Silva. Mesmo assim, foi ele nitidamente o inspirador de frases como “Prefiro o cheiro da abobrinha ao cheiro do povo” e “Hei de fazer deste país uma abobrinha”, pedras angulares da plataforma do general então candidato à presidência, João Batista Figueiredo.

Enfim, assumo a sua porção abobrinha. Se a abobrinha é inevitável, relaxe e aproveite. E não acredite no ditado de que uma abobrinha não faz verão. Neste verão vai fazer. É só ler o que os dois candidatos à presidência [*Tancredo Neves e Paulo Maluf*] andam dizendo pelos jornais.

AMARELO, MEU AMOR

A melhor cor para sair às ruas — ou para curtir o luto no Carnaval

[*Folha de S.Paulo*, 10/4/1984]

Se todos gostam do amarelo, por que alguns insistem nas eleições indiretas? É porque, para o governo, o perigo amarelo sobrevoa Brasília. Se a Câmara dos Deputados aprovar a emenda constitucional proposta pelo deputado Dante de Oliveira (PMDB-MT), que restabelece o voto presidencial direto no Brasil, o Planalto vai ficar amarelo de susto. Ou, no mínimo, rir amarelo. No dia da votação na Câmara, nenhum deputado conseguirá disfarçar sua pigmentação política. E os pássaros de outra plumagem, eleitos pelo voto em 1982, mas que não deram seu sinal verde às diretas, experimentarão nas próximas eleições uma profunda anemia nas urnas. Ou uma icterícia. De qualquer forma, ficarão amarelos.

Em compensação, os 95% de brasileiros vitoriosos terão vastos motivos para comemorar. Os cariocas poderão fazer isso no bar Amarelinho, na Cinelândia. Nas outras cidades, deve haver bares com nomes igualmente sugestivos — procure nas Páginas Amarelas. Não faltará quem saia cantando “*Encontrei meu pedaço/ Na Avenida/ De camisa amarela...*”, de Ary Barroso. Ou “*Quando eu morrer/ Não quero choro, nem vela/ Quero uma fita amarela/ Gravada com o nome dela...*”, de Noel Rosa. E, os mais sofisticados, “*Mas nestes dias de Carnaval/ Para mim você vai ser ela/ O mesmo perfume, a mesma cor/ A mesa rosa amarela...*”, de Capiba e Carlos Pena Filho.

Um ou outro canal de televisão poderia programar para essa noite o clássico faroeste de William Wellman, *Céu amarelo* (*Yellow sky*, 1948), com Gregory Peck. Ou o desenho *O submarino amarelo* (*The yellow submarine*), dos Beatles. Vídeos da Yellow Magic Orchestra, um grupo japonês de rock, animarão os aparelhos de quem sabe das coisas. E os nostálgicos ressuscitarão aquele velho sucesso dos Herman’s Hermits, “Mellow yellow”. A marcha da contagem dos votos em Brasília ficará ainda melhor se acompanhada em rádios munidos com as pilhas Rayovac, “as amarelinhas”.

Será um dia especialmente glorioso para assistir a *O sítio do picapau amarelo* na televisão. Ou reler o livro de Monteiro Lobato. Mas acho que as crianças vão estar muito ocupadas brincando de amarelinha.

Assim como os adultos terão um renovado interesse em folhear *O jogo da amarelinha*, de Julio Cortázar. Uma determinada família de São Paulo, a do sr. Manuel J. Amarelo, residente à avenida Francisco Morato, deverá ter motivos particulares para comemorar. Haja balões amarelos.

Acho que nem Caio Graco Prado, diretor da Editora Brasileira e pai da ideia de o povo sair às ruas usando amarelo pelas diretas, poderia prever tantas adesões à sua campanha. Caio deve

ter escolhido o amarelo por ser uma cor que sugere o sol, o ouro, o milho, o girassol, a nossa bandeira — coisas que simbolizam a vida. E eu acrescentaria a gema do ovo, a camisa da Seleção e os picolés da Kibon. A vaca amarela pulou da janela e o resto você sabe.

A vitória do amarelo e a volta das eleições diretas não significarão a solução imediata para algumas mazelas que, ao contrário de outros povos civilizados, os brasileiros insistem em contrair, como o impaludismo (também conhecido como “amarelão”) e a febre amarela. Mas terão sido um passo importante para que o Brasil deixe de ser esse imenso abacaxi (que, quando maduro, também fica amarelo), tão difícil de descascar. Com eleições diretas e sem governantes que se deleitam em jogar cascas de banana aos pés da nação, as coisas podem melhorar tanto que talvez até a Seleção Canarinho pare de nos deixar rubros de vergonha e tudo volte a ser ouro sobre azul. Por isso, no dia 25, serei radical: convocarei minha namorada japonesa e sairei às ruas de amarela pelas diretas.

Mas, se a Emenda Dante de Oliveira não passar, podemos seguir o conselho de Machado de Assis, para quem o luto por quem morresse no Carnaval deveria ser... amarelo.

O DIA EM QUE A CULTURA BEBEU ÁGUA

Tanto Marx quanto Comte foram postos para secar

[Folha de S.Paulo, 4/1/1984]

Mesmo o mais sólido saber corre o risco de se diluir em água. Bastou uma hora de chuva forte em São Paulo, entre 4 e 5 da tarde de ontem, para que grande parte da produção dos mais importantes filósofos, sociólogos, economistas, antropólogos, his-

toriadores e cientistas políticos brasileiros e internacionais, deste e de outros séculos, se transformasse numa pasta de papel da qual será difícil extrair, a partir de agora, uma visão transformadora do mundo, um pensamento organizado ou o mais humilde silogismo. Não foi para isso que eles dedicaram anos de trabalho intelectual — para verem os seus livros morrerem afogados na inundação que atingiu 12 mil dos 63 mil volumes da Biblioteca de Filosofia e Ciências Sociais da USP.

É que esses pensadores, que anteviram tudo, não contaram com as calhas entupidas no telhado da biblioteca, nem previram o horripilante espetáculo da água vazando pela claraboia, infiltrando-se pela laje e jorrando aos borbotões sobre as estantes. Caso contrário, teriam reformulado vários conceitos.

Em poucos minutos, por exemplo, os séculos da *História da civilização* levantados por Arnold J. Toynbee rolaram água abaixo, vítimas de um encanamento sem manutenção. Os diversos exemplares da popularíssima *História da riqueza do homem*, de Leo Huberman, conheceram os rigores da pobreza crônica a que a USP condena a sua área de ciências humanas. E tanta água escorria dos livros de Malthus que só pode ser castigo por ele ter sido, no século passado, um profeta do apocalipse.

Assim que as águas baixaram, funcionários da biblioteca começaram a avaliar os estragos. Os livros de Charles Darwin, que tratam da sobrevivência dos mais fortes entre as espécies, viram suas possantes encadernações serem desfeitas com a mesma facilidade com que se desfariam as páginas de papel-bíblia do Gênesis. A revolucionária Rosa Luxemburgo teve suas orelhas enrugadas como papiros. E, por uma cruel ironia, os sofridos escritos de Antonio Gramsci acabaram com suas páginas organicamente coladas umas às outras. Pode ser, no entanto, que a umidade agora contida nas páginas de *Os donos do poder*, de Raymundo Faoro, e de *Ideologia da cultura brasileira*, de Carlos Guilherme Mota, torne sua leitura menos árida.

Coincidentemente, ninguém foi mais flagelado pelas águas que rolaram na USP do que as inúmeras edições das obras completas de Karl Marx. Coleções inteiras em português, inglês, francês e alemão — inclusive a preciosa *Werke* de Marx e Engels, editada pela Dietz Verlag, de Berlim, em 39 volumes — beberam mais milímetros de chuva do que todo o resto reunido, por estarem exatamente no epicentro do toró. Algumas dessas edições podem ter-se perdido para sempre. Para que não se diga que o temporal teve conotações ideológicas, a obra de Auguste Comte, o inventor do positivismo, também saiu quase liquefeita.

Mas, se muitos livros podem ser repostos (e grande parte deles foi colocada para secar, aberta em leques, sob ventiladores), as preciosas coleções de revistas acadêmicas, com seus exemplares únicos e esgotados, nunca mais serão as mesmas. E os milhares de jornais, amarrados em embrulhos e ainda não catalogados por falta de pessoal, não servirão nem para embrulhar peixe.

“A chuva foi uma calamidade”, diz a professora Sylvia Caiuby Novaes, “mas a calamidade já existia antes. Há anos estamos alertando a USP para o estado de abandono da Biblioteca de Filosofia e Ciências Sociais. Os diversos relatórios estão aí para provar. Os recursos que a USP e os convênios destinam às ciências humanas são ridículos em comparação aos destinados às ciências exatas e biológicas. É claro que isso é um reflexo da política dos órgãos de planejamento econômico e científico, que estabelecem as prioridades para os seus próprios departamentos e negligenciam os setores sociais que deveriam orientar o avanço da ciência.”

Só pode ser isso. O projeto do prédio da Filosofia e Ciências Sociais, por exemplo, não previa a existência de uma biblioteca. Os dois precaríssimos andares que ela ocupa hoje — sem telefone, com o porão normalmente alagado e milhares de volumes esperando catalogação — tinham sido destinados ao convívio dos alunos. E os quinhentos leitores por dia que, nas épocas de